

## *De um só couro*

### *A natureza nas notas de viagem de Guimarães Rosa \**

Mônica Angela de  
Azevedo Meyer

Professora da Faculdade de  
Educação da UFMG.

#### **Resumo**

Este artigo tem como referência **A BOIADA** - anotações inéditas de Guimarães Rosa durante a viagem pelo Sertão de Minas Gerais em 1952. A convivência do escritor com vaqueiros e bois ganha um registro particular e demonstra como o homem aprende, interpreta e constrói a sua relação com o Sertão. Ritmos, linguagens, cores, chifres, rastros e nomes são os aspectos privilegiados para descrever a singularidade de cada animal. A partir dessa descrição, Guimarães Rosa revela o papel mediador da cultura no processo de re-criação da natureza.

Palavras-chave: Guimarães Rosa - natureza - vaqueiros - notas de viagem

#### **Abstract**

Guimarães Rosa's fieldnotes written during his trip across the Sertão of Minas Gerais in 1952, are analyzed in this article. As an insider of the cowboys' group (vaqueiros) and as a writer, he made visible the relationship between man and nature. Rhythms, languages, colors, horns, footprint, names are categories used by Guimarães Rosa to describe the singularity of each animal. This description reveals how the culture mediates the process of nature's re-creation.

Key words: Guimarães Rosa - nature - cowboys' group - field notes

---

\* *Este artigo faz parte de uma pesquisa que resultou na minha tese de doutorado Sertão natureza - a natureza de Guimarães Rosa, apresentada ao Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, em 1998.*

O vaqueiro, pela própria especificidade do trabalho, estabelece uma relação de intimidade com cavalos, mulas, burros e bois. Além de domar o animal, domesticá-lo, alimentá-lo, manipulá-lo com laços e cabrestos, ele o monta. Esse contato corpo/corpo entre cavalo e cavaleiro permite vivenciar as mesmas situações simultaneamente - vento, chuva, sol, locais acidentados ou tranqüilos. E mais, gradativamente os dois vão sentindo os suores um do outro, assimilando os cheiros - (*Zito*); *o cavalo ou boi, fica cheiroso, cheiro gostoso, é quando fica pastando no melôso.* (B1, p. 49)

Na montaria, essa mesma intimidade permite ainda uma fusão de imagens. O vaqueiro montado no cavalo adquire nova forma e postura, compondo uma outra criatura. O resultado dessa composição é um ser híbrido - meio humano e meio eqüino. O conjunto sugere um ser imaginário formado *de um só couro*<sup>1</sup> que adquire fisionomias diferentes dependendo do ângulo de que se olha - cara de gente e perna de cavalo, cara de gente e traseiro de cavalo, duas caras gente/cavalo. Uma das

quadrinhas transcritas em **Boiada**<sup>2</sup> traduz essa combinação:

*Meu cavalo é minhas pernas,  
meu arreo é meu assento,  
meu capote é minha cama,  
meu dinheiro é meu sustento.*

(B1, p.45)

O cavalo simboliza uma parte do corpo responsável pelo deslocamento, as andanças. O capote significa o abrigo - morada do descanso, calor, afeto. O dinheiro, fruto do trabalho, o sustento. Esse quarteto retrata as necessidades básicas e vitais de um homem, e sugere uma tradução quixotesca da vida do vaqueiro.

A lida do vaqueiro cria, então, uma identidade entre cavalo/pessoa/boi e todos se igualam como quadrúpedes num determinado espaço e tempo. O boiadeiro traveste-se em boi/cavalo

<sup>1</sup> "De um só couro são as rédeas, os homens, as bardas, as roupas e os animais - como num epigrama" - Pé-duro, Chapéu-de-couro. GUIMARÃES ROSA (1985:135).

<sup>2</sup> **A Boiada** integra o Arquivo Guimarães Rosa que se encontra no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade Estadual de São Paulo - USP. As anotações estão organizadas em dois cadernos **A Boiada 1** e **A Boiada 2**, mencionadas neste artigo como B1 e B2, respectivamente. Cada citação de alguma nota desses cadernos vem acompanhada do número da página.

e o boi/cavalo traveste-se em vaqueiro. Homem e animal conversam e se entendem através de aboios e assim aprendem um com o outro. A antropomorfização do animal e a animalização do homem equalizam ambos, que se transformam metonimicamente:

*O bezerrinho cinzento felpudo - visto de trás vai como um meninozinho de capuz... (B2, p.2)*

*"Hoje o caminho era melhor, e o gado estava com mais coragem" (Zito). (B2, p.20)*

*"Boi de carro ou vaca: tem ódio a pessoas, mesmo imotivado." (B2, p.23)*

*Sete burros em volta do rancho, olbando-nos, escutando as conversas.... Gado "sentido" (B2,p.27)*

*"Hoje em dia, até o gado está mais educado, ultimamente"... "O bravo olha pr'a gente com cara ruim. Depois "murcha" na gente... (Sebastião). (B2,p.31)*

Os vaqueiros vêem os bois como semelhantes e conferem a eles características humanas: o bezerro parece um menino, o burro escuta conversa, o gado manifesta sentimento de coragem, de ódio, de raiva,

de ignorância. O ser humano se olha no espelho. Qual a diferença entre esses dois sujeitos? O que distingue um ser humano de um animal?

*- Boi toma amor?- Não - Por quê? - Bicho é ignorante. Bicho dorme no sereno. (B1, p.13)*

*Gasosa, Medalha e Curica - foram as vacas trocadas daqui. Gasosa se separa do filho - coitadinho - que vai ficar, ele está preso no curral desmamado! Gasosa "falba" dois anos sem parir; por isso é vendida para boiada. (B2, p.27)*

Nesse manuscrito, o vaqueiro elege o amor como um sentimento que distingue os humanos dos animais. A incapacidade de sentir amor se deve à ignorância, é o vaqueiro que sente pena (que pegou amor) do bezerrinho de Gasosa, preso no curral e separado da mãe. Ao mesmo tempo, o ato de dormir no sereno também está presente na lida dos vaqueiros que descansam da jornada ao relento, mas eles "tomam amor". Reportando às citações anteriores, os bois se apresentam com sentimentos, o que significa que podem ser considerados ora como sujeitos/humanos, ora como objetos/animais. A diferença se

estabelece, então, numa relação social. A vaca-objeto pode ser vendida quando se torna inútil - falha de parir. Em outra situação, o vaqueiro reconhece que as vacas criam amor pelos filhotes e conta como acontece essa relação amorosa:

*o bezerro se suja de estrume, a vaca não lambe, e por isso não lhe cria amor. Vacas enjeitam o bezerro. Às vezes, lavando o bezerro com água com sal, ela o vem ainda a aceitar. Vaca que enjeita; dá coices no bezerro. Há vacas que sempre enjeitam seus bezerros. (B2, p.63)*

### **Ritmo da travessia**

Outra maneira de se perceber a interação entre o vaqueiro e o boi é através do ritmo da travessia. A sabedoria dos vaqueiros, aprendida na lida, se traduz na capacidade de ler o comportamento dos bois e medir a marcha diária sem levar os animais à exaustão. Na verdade esse *rem-rém*, definido muito bem por Guimarães Rosa como o passo de acompanhar a boiada (B2,p.43), sintoniza o passo do vaqueiro com o passo do boi. A boiada marca o ritmo do trabalho do vaqueiro.

*Se forçar, o gado empaca - Se tocar depressa, pisa o burro (do cargueiro) (B2,p.11)*

*Eu subo serra é devagarinho (devargazinbo) naquele rojão devagar...Se outro pegar e tirar fora do rojão dêles, eles não sobem. (B1, p.13)*

A noção de pressa não tem lugar na vida animal. Compete aos vaqueiros ler o cansaço do gado e vigiar as variações de humor. Lévi-Strauss (1986, p.261) chega a afirmar que os boiadeiros estão, portanto, às ordens dos seus animais. Em expedição a Cuiabá, em 1938, esse antropólogo aprendeu que o boi não previne se está cansado ou se o carregamento é pesado demais; continua a avançar e depois, de repente, vai-se abaixo, morto ou extenuado, a tal ponto que serão precisos seis meses de descanso para que ele se refaça.

O descanso dos animais é fundamental. Guimarães Rosa observa e anota o comportamento "sagrado" dos animais antes de se deitarem para repousarem:

*O gado faz uma cruz no chão, para deitar em cima: risca com uma pata, anda à roda, risca outra vez, fazendo a cruz, e se deita por cima.*

*Todos! Até os bezerrinhos! Já o cavalo, esse não dorme! À meia-noite, e meio-dia, de pé, cochila alguns minutos. (B2,p.21)*

Os vaqueiros devem manter a boiada dentro de uma ordem necessária para uma travessia tranqüila, evitando acidentes, estouros e fugas. A composição dos carros de boi é fundamental e obedece a um critério de classificação: *Cabeceira = os melhores; Meio = os regulares; Fundo = os piores.* (B2,p.15) Os animais determinam o ritmo da marcha e desta forma controlam os homens. Não adianta forçar e impor velocidade, pois o gado teimosamente empaca ou cai extenuado. Os vaqueiros e os bois devem estar sintonizados, mas pode haver o risco de um estouro de boiada, exemplo suficiente para demonstrar que nem sempre a harmonia reina. Guimarães Rosa escreve estórias de estouros contadas pelos vaqueiros:

*"É feio! É triste!" Dentro de Sete Lagoas, Zito de contra-guia. Um caminhão buzinou. O gado parou. Fez redemoinho. Não pode cercar. Tem é que dar*

*estrada. Rebentou até arame. (B1, p.28)*

Nessa nota, é interessante observar que o contador qualifica o estouro como algo feio e triste, em oposição ao bonito e alegre da saída da boiada; a presença de um redemoinho sugere um demo incorporado no animal que fica sem controle, em oposição à docilidade habitual. O relato de uma outra faceta do animal (sem controle) qualifica-o como selvagem, apesar de doméstico, o que garante uma visão mais real do boi. O lado feroz associado à figura do diabo aparece mais uma vez no comportamento de 4 novilhas bravas: *isto é diabo puro!* (B1,p.7)

A representação do boi está sempre próxima daquilo que o animal de fato é. Ele se assusta:

*Os bois de um carro (2 juntas) que se assustaram e arrastaram o carro para o mato ( B1,p.2);*

coça:

*A vaca coça sua testa, seu pescoço, num mourão;*

adoece:

*há vacas com bicheiras no vaso (vulva);*

tem defeitos físicos:

*Bezerro anão - (Chico): para mamar,  
tinham de levantar-lhe as pernas,  
para alcançar as tetas;*

pisoteia:

*Estamos no terreiro (eirado) da  
fazenda. Limpo de vegetação,  
porque o gado faz malhador.  
Seu pisoteio impede-a (vegetação)  
(B1,p.11)...O gado no pasto mais  
estraga de pisar que de comer  
(B2,p.23).*

Durante a travessia, os homens enfrentam um corpo a corpo com a natureza, em que os sentidos estão em estado constante de alerta. O fluxo dessa experiência possibilita um aprendizado aos vaqueiros (aí incluso Guimarães Rosa), organizado conforme categorias que ordenam e classificam o mundo natural. As anotações sobre o gado ganham prioridade nesses escritos e descrevem berros e aboios, cores, chifres, rastros e nomes.

### ***a. Boi fala o tempo todo***<sup>3</sup>

*Uns mugem com o corpo inteiro  
(B2,p.16)*

Os vaqueiros conversam com os bois, dão ordens, orientam o passo, chamam carinhosamente pelo nome. O diálogo se estabelece através do aboio que é um vibrado, ondeado, lenga-longo bubúlcito, entremeando-se de repentinos chamados de garganta, que falam ao bovino com interjeição direta, ou espiralando em falsete, com plangência mourisca, melismas recorrentes e sentido totêmico de invocação<sup>4</sup>. Os aboios registrados em **Boiada** sugerem sempre um chamado animado, alegre, com um ritmo entoado de acordo com o objetivo a ser atingido. Um canto aos bois sem monotonia e tristeza<sup>5</sup>, que exige do vaqueiro experiência e conhecimento do animal:

<sup>3</sup> GUIMARÃES ROSA (1991:303).

<sup>4</sup> *Definição de aboio dada por GUIMARÃES ROSA (1985:133).*

<sup>5</sup> FERREIRA (1986:11) define o **Abóio** como uma "melopéia plangente e monótona com que os vaqueiros guiam as boiadas ou chamam os bois dispersos; aboiado. **Aboiar**, 1. cantar aos bois 2. guiar uma boiada com canto monótono e triste 3. trabalhar com bois. "

<sup>6</sup> *Guimarães Rosa descreve com detalhes a maneira como o vaqueiro aboia - "Vi o aboiador, mão à boca, em concha, sustenir um toado troco, quase de jodel montano; ou tapando um ouvido, para que a própria voz se faça coisa íntima e estremecente, e o aboiado seu, as notas do aboio, triado, estiradamente artístico, tal que veio do tom da buzina, do berrante de corno, sua vez criado copiando o mugido boium." (GUIMARÃES ROSA, 1985:133)*

*Raymundo - abôia tapando o ouvido esquerdo com a mão esquerda. ( B1, p.43 )<sup>6</sup>*

A proximidade homem-animal proporciona um conhecimento capaz de criar e identificar sinais que ajudam a estabelecer uma relação de cumplicidade, de forma que cada um entende o que o outro quer e deseja. Os sons, as imagens e os cheiros são sinais que fazem parte de um típico sistema de comunicação entre o vaqueiro e o boi.

A linguagem dos sons se apresenta em duas formas, que podem ser classificadas como de cumplicidade e de identificação. Os sons de cumplicidade significam que os vaqueiros e os bois conversam e se entendem através dos aboios. Para cada ação um tipo de aboio: para chamar o animal o vaqueiro diz:

*Vem cá!.....Aaaaaaáááááááááá! - Vem cá. (Raymundo Bindóia falando às vacas). (B1, p.33);*

para apartar o animal:

*Raimundo com a vara. Chico fazendo um molinete com o pau. Todos gritam: Eh boi! Eh boi! Eh boi! Eh boi! (B1, p.53);*

para carrear boi, Guimarães Rosa registra um sistema do sertão de autoria de Francisco Mariano de Campos (Chico), carreiro desde menino:

### **CARREAR ( "Sistema do sertão" )**

- Vamos! ( para andar )
  - Muda! ( para andar )
  - Carrega! (vai para longe da gente)
  - Entra! (vem do lado da gente )
  - Oab! ( os bois do cabeçalho, então assentam aí, e não rompem)
  - Carrega, Relógio! (para eles recortarem o carro dos ramos, dos buracos, etc)
  - Entra, Sicrano!
- ( B1, p12 e 13)

Essas expressões são usadas pelos vaqueiros para se comunicar com os bois, geralmente dar ordens (andar, afastar, aproximar, assentar, ir devagar, entrar). O boi também tem seus gemidos, mugidos e berros, e nas Notas há destaque para "Os berros dos bois" :

*Zebús: berro grosso, empelado, berra com preguiça (desde bezerro novo).*

*Para briga: bufo em U: - Buuugh!*

*Para curral - Bãâh (espicha o berro).*

*Brigas - ficam ali tomados, duas, três horas. Fungam ali agarrados. Descansam, cabeças perto. Só fazem barulho com os pés, nos ramos, etc. (B2, p.25)*

Cada berro corresponde a um determinado comportamento no animal, que é percebido e entendido pelos vaqueiros. Além desses códigos Guimarães Rosa registra:

*Boiada: na estrada. Rês que se acostuma com o berrante, vai sempre perto do tocador de berrante; e geme, quando ele pára de tocar. (B1, p.79) ...Rês que, no pasto, de manhã, quando se vai buscar o gado, e toca o berrante, ela responde, com mugidos! (B1, p.80) ...Os berros de bois se respondem. (B2,p.9)*

Os sons de identificação são aqueles emitidos por algum instrumento utilizado para localizar e controlar o animal - *Boi com cincêrro no pescoço, é peta, pelejar pra esconder, não é ? (B1, p. 34)*. O badalo do pequeno sino pendente do pescoço do boi serve de guia para os vaqueiros e para os outros animais.

A linguagem das imagens resulta de uma leitura do comportamento e temperamento dos animais em diversas

situações. Determinados movimentos e certas partes do corpo do gado indicam o estado de humor. As tetas, as orelhas, as caretas, o jeito de pisar formam palavras que o vaqueiro consegue ler com facilidade. Por exemplo, há uma associação entre a amorosidade das vacas com as tetas cheias de leite:

*Os peitos ficam cheios, duros - aí elas ficam mais amorosas, aflitas. Nesse tempo, também, elas ficam durante o dia junto com os bezerros. Daí umas e outros serem mais amorosos, mugidores, etc. (B1,p.42).*

O aumento de tamanho dos úberes também indica aproximação do parto:

*Sinal de amôjo: Amojando: o "vaso" abaixa e as tetas começam a engrossar. (B2,p.28)*

A posição das orelhas indica diferentes atitudes que podem ser decifradas:

- no comum: orelhas caídas
- para frente: interesse ou para bater
- para trás: atenção.
- quando escutam uma coisa, mas não estão enxergando: ficam trocando as orelhas (uma para trás, depois a outra); quando ouvem um pássaro, por exemplo. ("Pra poder assuntar..."). (B1, p.44)



As orelhas demonstram também outros sinais como a presença de animais hematófagos que deixam seus "recados" coloridos:

*Garrote preto: com o nó-alto-do-rabo, um ferido, escoriado: com duas framboesas (côr de): " bicho que chupa de noite" - morcego ("Murucêgo"). ( O ferido é " na ponta da rabada" ) ali e na orelha é onde eles mais gostam de chupar. (B2,p.28)*

O comportamento de irritação do gado é identificado de três maneiras: jeito de caminhar (pisar), consistência das fezes e a frequência da urinação:

#### QUANDO VEM PARA BATER;

*Fica de lá, armada ( muda toda ).*

*Risca com uma pata, pra banda; risca com a outra. - Então, tá na hora mesmo. Até o caminhado é diferente, da criação que está enfezada: (irritada) = o passo fica pequeno (curto). Rapa terra pra trás.*

*Bovino irritado: fica estrumando mole, suja todo, o rabo, as pernas por trás. Urinando aos bocadinhos, aos bocadinhos, quase sem parar. - Toda breada de estrume... Aquela está na hora de tirar veneno!... (B1 p.44 ).*

A linguagem dos cheiros corresponde à fase de reconhecimento. A vaca cheira o filhote antes de amamentá-lo, cheira o vaqueiro antes de ele tirar o leite:

*...Tem vaca que, quando a gente vai arriar o bezerro, ela primeiro cheira bem a gente, tudo ( para reconhecer ) o vaqueiro amigo. Enquanto não cheira, não deixa arriar. (B2, p.20)*

A careta é um sinal indicativo de que o animal está cheirando alguma coisa:

*o garrote, ou a vaca: faz careta para perceber melhor algum cheiro. (B1,p.20 )*

#### **b. cores**

*A rês (de bezerro a boi) muda muito. Muda de cor e de fisionomia. (B1, p.55)*

A cor e a fisionomia dos seres vivos vão mudando com o passar do tempo e da idade. A incidência dos raios solares ao longo do dia imprime formas e tons. Além da variabilidade de moldes e cores, há um jogo de luz e sombra que reforça ou diminui os traços e os tamanhos da coisa observada em si. A possibilidade de

combinação de cores e luzes é enorme e a capacidade de ver varia de ser para ser. De um modo geral, a policromia e o jogo de luzes são pouco valorizados na educação ambiental, o que reforça uma visão de natureza monocromática, restrita a cor verde.

Guimarães Rosa relaciona dezessete tons básicos para definir as cores dos bois, que se subdividem em outras tonalidades: branco, preto (preto estrelo), fumaço (claro e escuro), baetão (pintado de preto no cinzento), jaguané, baio, pigarço, cirigado, azulego, borralho (amarelo, preto e roxo), raposo, castanho "coração", careta, javanês castanho, queimado, pintado (roxo, raposo, laranja e cinto), amarelo manchado. Na tentativa de classificar a cor da pelagem dos bois, dezessete tons foram agrupados em oito categorias metafóricas:

*1. Metal: baio - representa a cor do ouro desmaiado;*

*2. Animal: raposo - associada à cor da pelagem da raposa;*

*3. Corporal: castanho-coração - relacionada ao coração; careta: um boi vermelho ou preto da cara branca;*

*4. Astronômica: preto estrelo, corresponde ao céu escuro e estrelado;*

*5. Vestuário: baetão é lã, cobertor de lã;*

*6. Vegetal: borralho - um animal com pêlo cinzento; pigarço - um boi grisalho, borra de madeira queimada (cinza);*

*7. Fogo: fumaça - uma pelagem vermelha, tirante a preto, que lembra as labaredas do fogo; queimado semelhante ao tostado ou grelhado bem passado;*

*8. Misturado: agrupamento de categorias já existentes, em que o animal apresenta mais de uma cor dominante: jaguané - fio do lombo e a barriga brancos, e o lado das costelas preto ou vermelho; cirigado - um gado pintado ou pontoado; azulego - com pêlo escuro entremeado de pintas miudinhas, brancas e pretas; pintado - com pintas de cores variadas: roxa, laranja, cinto.*

Como a percepção da cor é sinestésica, ela evoca a imagem de objetos e de seres vivos. Guimarães

Rosa usa e abusa desse recurso, recorrendo mais às analogias do que aos tons convencionais. Desta forma, um boi preto estrelado sugere uma pelagem escura com pintinhas, como se estivesse coberto pelo manto do céu coalhado de estrelas; um baetão lembra um cobertor de lã para se aconchegar nas noites frias de inverno. Poeticamente, o boi transfigura-se em mito e traz um pedaço de céu, um cobertor de lã, uma pedra de ouro, um monte de cinza, uma tocha de fogo, um pedaço do mundo com todas as cores misturadas.

### **c. chifres**

Guimarães Rosa apresenta uma relação de nove tipos de chifres - *turquezada, cabano, pinheiro, deitado, balança, banana, gamela, espaço, cômico* - e ao lado de cada um anota o significado, o que demonstra como a forma e a posição dos cornos servem de elementos para classificação. Algumas denominações estão associadas a instrumentos de medida e utensílios domésticos, e carregam, às vezes, uma pitada de

humor. É provável que a autoria desse sistema seja dos vaqueiros, exceção feita para os termos *gamela* e *cômico*, que trazem o sinal característico - *m%* - que indica criação roseana.<sup>7</sup>

*Turquezada - chifres fechados para cima*

*Cabano - chifres para frente*

*Pinheiro - chifres altos*

*Chifre deitado - chifres para trás*

*Balança - um chifre para baixo, outro para cima*

*Banana - chifres para baixo (B2, p.24)*

*Chifres gamela - (m%: são os do Tarzan)*

*Chifres espaço - reto para os lados (B2, p.26)*

*Tarzan - um grande zebú baetão, com chifres cômicos, que o fazem parecer com um chapéu caipira (B2, p.31)*

A associação é uma constante na arte da descrição. Os chifres lembram

<sup>7</sup> *m%* - meu cem por cento. Sinal característico usado com frequência por Guimarães Rosa e que antecede as expressões que cria ou recria a partir do vivido.

objetos, plantas, frutos, utensílios, pessoas, o que estimula o leitor a visualizar cada boi de forma diferente e lhe conferir uma impressão digital. É como se o animal trouxesse dentro de si parte da sociedade humana, o que diminui as fronteiras entre os humanos e os animais. A descrição do touro Tarzan é peculiar:

*visto de frente lembra um caipira e ...visto de trás, sua giba imensa, pão-de-açúcar, se move como cortiça nãgua (B2, p.31).*

A figura do touro em ambiente terrestre - forte e resistente como um Tarzan e uma montanha - se transforma no ambiente aquático em um ser leve e macio - uma cortiça que flutua no meio líquido, um torrão de açúcar que se dissolve na água. A presença dos contrários - pesado/leve - revela o equilíbrio das formas nos seres vivos.

#### **d. rastros**

*A vaca do Babiano está pisando miúdo assim. (Ela está querendo bater) (B1, p.54.)...Vaca - quase sempre a rês solteira ou a vaca, as unhas traspassam uma a*

*outra. Boi de carro - unha certinha...Rês fugida - rastro seguido ( não é aquele rastro caracolado da rês em logradouro. Rês fugindo - arranca o capim. Deixa cair o pé-do-capim; aqui e ali (ela só come a folha) a rês no logradouro não arranca; só aparar a folha. A viajante não "esbarra" (pãra, estaca) para comer. Marca o rumo e faz atalhos. (Vaca conhece em quaisquer condições, o rastro do bezerro dela). (B2, p.25)*

Pisar miúdo, unhas traspassadas ou certinhas, rastro seguido ou caracolado, capim arrancado são pistas que passam despercebidas de um leigo. A interpretação do tipo de pegada indica um determinado comportamento nos animais e, mais, a situação em que eles se encontram:

*Boi de carro - unha certinha...Rês fugida - rastro seguido.*

De lambuja, aprende-se que o jeito de comer também varia em cada situação e os sinais são as folhas de capim: arrancadas (rês fugidia) e aparadas (rês no logradouro).

Essa classificação de rastros faz parte de um processo de elaboração

**e. nomes**

contínuo do vaqueiro, que observa o animal e aprende a lidar e interagir com ele - o outro. O conhecimento dos vaqueiros não se limita ao gado, eles identificam outras pegadas e sabem diferenciá-las entre os animais:

*O passo da rês (ou o galope) é mole (corpo mole). O passo ou galope do cavalo é mais firme. "Mais machacá" (Santana). (B2, p.63)*

Além de conferir a trilha e o tipo da passada, a saúde geral dos cascos precisa ser zelada. O estado das unhas merece atenção e cuidado. Em vez de descrever tecnicamente a avaria dos cascos, Guimarães Rosa deixa que o cheiro - doce como de mel na tacha - fale por si. Mais uma vez a analogia está presente, sugerindo que o olfato e o paladar dão sentido ao mundo:

*O cheiro bovino se acentuando mais e ficando doce, como de mel na tacha, cheiro de engenbo. Raimundo Bindóia explica: é dos cascos, nas pedras! (B2, p.5)*

*O gado estraga mais o casco é na descida, que na subida. (Nos que estropeiam, põe-se sêbo e rapadura, e depois "uma coisa quente") (É nos em que vai relando a parte "sã") (Atrás incha e desfia. Sêbo com rapadura. E um tição de fogo). (B2, p.62)*

*Manoelzão, na porteira, açoita o ar com a "pirata". Grita nome de vacas. Santana e...assoviam, incitando o gado... Vou no burro Canário. Zito passou para a besta Rosada.. Manoelzão vai no cavalo Caboclinho. Sebastião (primo do Zito) vai no burrinho Moreno.*

(B2, p.62)

A identificação dos animais com nomes próprios, principalmente os de estimação, domésticos e peridomiciliares, é uma prática popular comum. Os cachorros, apesar de uma sociedade independente, se sobressaem entre os animais domésticos como os mais próximos e íntimos do ser humano, fazendo parte, dessa maneira, da sociedade humana como "fiéis amigos". Devido a esta característica, podem ser denominados com nomes humanos como Otto, Rex, Alfredo, Fred, Godofredo, Xuxa, Lacan. As vacas, os bois e os cavalos, como são animais peri-domiciliares, recebem nomes familiares cuja denominação se associa mais a um aspecto do físico e do comportamento do animal,

como Mimosa, Princesa, Cabrita, Jibóia, Francesa, Tarzan, Relógio, Balalaika.

Lévi-Strauss (1989) chama atenção aos nomes dados e tomados de empréstimo às plantas e aos animais, fazendo uma distinção entre as aves, os cães, o gado e os cavalos de corrida. A sociedade das aves, homóloga à humana (apaixonada pela liberdade, constrói uma morada - o ninho, vive em família, cuida de seus filhotes, alimenta-os, mantém relações sociais com sua espécie, se comunica), é concebida como uma sociedade humana metafórica, recebendo uma denominação de ordem metonímica. Os cachorros, ao partilharem com homens e mulheres os prenomes, são identificados como sujeitos e considerados humanos metonímicos, cujo sistema de denominação assume um caráter metafórico. O gado, diferentemente dos cães, é tratado como objeto e classificado como inumano meto-nímico, sendo os nomes escolhidos completamente diferentes da série das aves e dos cães; geralmente são termos descritivos que evocam a cor da pelagem, o tamanho e o temperamento.

Guimarães Rosa, durante a viagem feita com os vaqueiros, copia do caderno de Zito uma relação de 171 nomes de vacas, além de registrar as alcunhas de alguns bois, burros e cavalos que fazem parte da comitiva e de touros citados em histórias contadas pelos vaqueiros. Os termos escolhidos para chamar as vacas evocam não só a cor da pelagem, o temperamento, mas também cidades, países, naturalidade, mulheres, títulos monárquicos, sinais astronômicos, pedras semipreciosas e metais, assumindo muitas vezes a denominação um caráter metafórico. O relacionamento do boiadeiro com as vacas e os bois, em certas situações, se apresenta como humano metonímico, em que ambos são sujeitos, conversam e se entendem. *Todo animal é mágico* (Andrade, 1983).<sup>8</sup>

Os nomes das vacas que aparecem em **Boiada** podem ser

<sup>8</sup> Em *Nomes*, Carlos Drummond de Andrade constrói um poema mágico com os nomes de besta, cavalo, boi e vaca ... "Tem mesmo o boi chamado Labirinto. Ciganinha, esta vaca; outra Redonda. Assim pastam os nomes pelo campo, ligados à criação. Todo animal é mágico." (ANDRADE, 1983:560)

ordenados em oito categorias: nomes de lugares, mulheres e animais, títulos monárquicos, referências astronômicas, cor da pelagem, temperamento e pedras-metais. Apresentamos a seguir essa classificação, que, por ser aleatória, abre a possibilidade de outros agrupamentos. O objetivo dessas ordenações se restringe a levantar os "critérios" mais comuns e significativos para a identificação das vacas.

### 1. Lugares

#### Logradouros, Cidades Estados Brasileiros

<i>Mantena</i>	<i>Mineira</i>
<i>Ponte Nova</i>	<i>Sertaneja</i>
<i>Paraíba</i>	<i>Cearensa</i>
<i>Guanabara</i>	<i>Brasileira</i>
<i>Bela Vista</i>	
<i>Diamantina</i>	
<i>Uberaba</i>	
<i>Uberlândia</i>	
<i>Vila Rica</i>	
<i>Goveia</i>	
<i>Salina</i>	
<i>Lindóia</i>	
<i>Lagoinba</i>	
<i>Avenida</i>	

#### Cidades e Países Estrangeiros

<i>Turquia</i>	<i>Bolívia</i>
<i>Alemanha</i>	<i>Veneza</i>
<i>Argentina</i>	<i>França</i>
<i>Oropa</i>	<i>Província</i>
<i>Francesa</i>	

As possibilidades de explicação para os nomes das vacas são múltiplas e pessoais. A referência a certos logradouros pode sugerir reminiscências, predileção e desejo por determinado lugar, homenagem a alguém, procedência das vacas, algum detalhe fenotípico que lembre um tipo estrangeiro, uma palavra bonita. A menção e a sonoridade de cada termo possibilita ao leitor imaginar diferentemente os animais como Oropa, Sertaneja.

### 2. Animais

<i>Aves</i>	<i>Mamíferos</i>
<i>Maritaca</i>	<i>Cabrita</i>
<i>Pintassilva</i>	<i>Cordeira</i>
<i>Sariema</i>	<i>Paquinba</i>
<i>Rolinha</i>	
<i>Araponga</i>	

<i>Peixes</i>	<i>Reptéis</i>
<i>Piranha</i>	<i>Gibóia</i>
<i>Piaba</i>	

A escolha de nomes de aves, mamíferos, peixes e répteis para identificar as vacas resulta sempre de uma analogia com o comportamento e morfologia de cada animal. Assim, Maritaca é uma vaca falante, que adora mugir, aboiar e é agitada como a ave que tem esse nome; Cabrita é espevitada e tem pelagem branca; Piaba, pequena e magrinha, de cor marrom, gosta muito de água. A Jibóia é gorducha, roliça, com manchas próxima à cauda, apertando uma rês contra a outra. Evocar outros animais para nomear as vacas permite criar outras imagens de cada animal.

### **3. Monarquia**

*Marquesa*  
*Realeza*  
*Nobreza*  
*Suberana*  
*Rainha*  
*Barona*  
*Duquesa*

Os títulos monárquicos sugerem vacas aristocráticas, de porte altivo e elegante, formais no trato, educadas

e finas, de linhagem pura. A Rainha provavelmente é uma vaca nobre, de pisar pomposo, uma líder tal como a Suberana.

### **4. Astronomia**

*Estrela*  
*Meia-Lua*

Os nomes Estrela e Meia-Lua estão associados, com certeza, aos sinais que as vacas apresentam na pelagem, geralmente localizados na cabeça. Além da forma dos astros, a cor e o brilho compõem o retrato do animal.

### **5. Cor da pelagem**

<i>Mulata</i>	<i>Morena</i>	<i>Manteiga</i>
<i>Roxona</i>	<i>Camurça</i>	<i>Negrinha</i>
<i>Violeta</i>	<i>Zulêga</i>	<i>Cerveja</i>
<i>Roxinha</i>	<i>Mulatinha</i>	<i>Gemada</i>
<i>Laranjeira</i>	<i>Laranjinha</i>	<i>Rosada</i>
<i>Porcelana</i>	<i>Clareza</i>	<i>Moça-Branca</i>

A cor da pelagem é uma denominação bastante descritiva, que evoca não só a visão mas os outros sentidos. Cores escuras e fortes, como Negrinha, Morena, Roxona, sugerem animais de grande vitalidade, esbanjando energia. Já Porcelana, Clareza, Rosada, Moça-Branca, de



cores claras, aproximam-se mais de um modelo frágil, delicado. As cores variam em diferentes tonalidades e matizes, pois estão intimamente associadas à percepção pessoal que se expressa através da linguagem, ganhando, assim, sentido múltiplo. Além da visão, o olfato, o tato e o paladar participam na construção da imagem do animal, como por exemplo Laranjinha, uma fruta de cor, cheiro e sabor que se espreme na mão e se leva à boca para se sorver o suco. Cerveja vem associada ao amarelo e ao gosto amargo da bebida alcoólica. Gemada, à cor de gema de ovo batida com açúcar, até atingir o ponto espumante em que as duas substâncias estão bem misturadas e a gemada pronta para ser saboreada. Para os vaqueiros, que convivem com o gado na lida diária, a cor se apresenta em múltiplas variações sinestésicas.

#### **6. Nomes e codinomes de mulheres**

<i>Lorena</i>	<i>Boneca</i>
<i>Suzana</i>	<i>Tetéia</i>
<i>Jurema</i>	<i>Orora</i>
<i>Palmira</i>	<i>Sereia</i>
<i>Normana</i>	<i>Donzela</i>

Os nomes próprios humanos e os apelidos escolhidos adquirem um caráter metafórico: o nome Suzana, por exemplo, associa-se a uma mulher, que pode ser a neta, a filha, a esposa, a namorada, a dona do cabaré, a prostituta. A vaca, considerada como sujeito, faz parte da relação de parentesco como um humano metonímico. O mesmo não acontece quando o nome evoca tipos de pedras, metais e temperamento, em que a vaca se apresenta como um objeto.

#### **7. Pedras e metais**

---

<i>Turmalina</i>	<i>Platina</i>
------------------	----------------

#### **8. Temperamento**

---

<i>Mochinba</i>	<i>Maravilha</i>
<i>Fineza</i>	<i>Beladona</i>
<i>Conhecida</i>	<i>Namorada</i>
<i>Carinhosa</i>	<i>Luminada</i>
<i>Amorosa</i>	<i>Cristalina</i>
<i>Dobradiça</i>	<i>Invejosa</i>
<i>Gasosa</i>	

Os nomes dados às vacas cumprem um papel importante de identificação e estão impregnados de significados que ultrapassam a

denominação em si. A menção de um nome como Carinhosa permite imaginar uma vaca de couro sedoso, mansa, afável aos vaqueiros, aos bezerros e aos outros animais, feminina, sensual e cuidadosa. Ao chamar Carinhosa, Rainha e Maritaca, cada ouvinte desenha mentalmente um perfil em que os outros sentidos - visualizar, apalpar e cheirar - se somam.

Guimarães Rosa registra também o nome dos burros, bestas e cavalos em que os vaqueiros estão montados:

*Mudo para a minha Balalaika (B2, p.63)...Vou no burro Canário. Zito passa para a besta Rosada. Manoelzão vai no cavalo Caboclinho. Sebastião (primo do Zito) vai no burrinho moreno. (B2, p.62).*

Os critérios para classificação dos nomes de bois são semelhantes aos adotados para os nomes das vacas, exceto quando se trata dos chifres (associação com as plantas). A maioria dos nomes revela que os bois são considerados objetos e, como ocupam uma posição social metonímica, os sistemas de denominação assumem um caráter de ordem metafórica:

### *Classificação dos nomes dos bois*

#### *Temperamento*

<i>Relógio</i>	<i>Delicado</i>
<i>Sembrante</i>	<i>Guia</i>
<i>Pé-da-guia</i>	<i>Cabeçalho</i>
<i>Tarzan</i>	<i>Sargento</i>
<i>Sicrano</i>	<i>Tenente</i>
<i>Prefeito</i>	

#### *Cor*

<i>Pintor</i>
<i>Chumbado-meio</i>

#### *Chifres*

*Arvoredo*

*Pinheiro*

*Cidade*

*Joazeiro*

*Pedra*

*Diamante*

A escolha dos nomes para os animais não é aleatória nem descritiva, nem serve apenas como um elemento de identificação. As alcunhas de vacas e bois estão impregnadas de significados que traduzem a percepção do vaqueiro de cada animal e sua representação das relações sociais. A prática de dar nome

próprio, voz e características humanas aos animais está presente na obra roseana <sup>9</sup>, bem como nas parábolas e fábulas que usam e abusam dos bichos como mitos portadores e divulgadores de mensagens impregnadas de valores e de lições morais.

Outras culturas que lidam com o gado têm um saber muito semelhante ao do vaqueiro de **Boiada**. Segundo Evans-Pritchard (1978)<sup>10</sup>, um homem Nuer conhece cada animal do seu rebanho e dos seus vizinhos quanto à cor, aos chifres, às tetas, à produção leiteira de cada vaca, aos hábitos, ao temperamento, enfim, à história de cada animal. A importância do gado na vida e no pensamento Nuer é fundamental, a tal ponto que todos os processos e relacionamentos sociais são definidos em função do gado. A escolha dos nomes próprios é um exemplo significativo - os homens recebem nomes que dizem respeito à forma e à cor de seus bois favoritos, e as mulheres recebem nomes dos bois e das vacas que elas ordenham. A relação dos Nuer com o rebanho é simbiótica:

*O gado é dócil e responde prontamente à orientação e cuidado humanos. Não há uma grande barreira cultural separando homens e animais em seu lar comum...O gado não é apenas um objeto de interesse absorvente para os Nuer, possuindo grande utilidade econômica e valor social, como também vive na mais íntima associação possível com eles. Além disso, sem se*

<sup>9</sup> O conto "Conversa de Bois" (GR, 1991) narra a história de oito bois de carro que aprendem a pensar como o homem pensa. Durante uma viagem, transportando uma carga de rapadura e um defunto (pai do menino guta), o pensamento de matar o carreiro vem surgindo devagar na conversa dos bois, que finalmente planejam e executam a morte de Agenor Soronbo, homem mau que picava os bois e ralbava com Tiãozinbo, o menino guta. A trama da morte tem uma intenção, um desejo humano, confessada nas "palavras" do boi Canindé. Os bois soltos não pensam como o homem. Só nós, bois de carro, sabemos pensar como o homem! (GR, 1991:311). Inclusive, o nome de cada boi dessa junta corresponde a tipos humanos: **Buscapé**, sugere apressado, rápido, que anda ziguezagueando; **Namorado**, galanteador, meigo; **Capitão**, dirigente, comandante, autoritário; **Brabagato**, desbravador, corajoso; **Dançador**, festeiro, alegre, gracioso; **Brilhante**, ciútilante, talentoso, inteligente; **Realejo**, cantor, melodioso e **Canindé**, barulhento como uma arara, habilidoso. Os nomes não só servem para identificar e chamar os animais: estão impregnados de significados e, mais, a simples emissão de um deles sugere a visualização do tipo físico e temperamental do animal.

<sup>10</sup> EVANS-PRITCHARD estudou o modo de subsistência e as instituições políticas dos Nuer, povo nilota que vive nos pântanos e savanas planas da África Oriental (Sudão). O antropólogo descreve a atitude e o relacionamento íntimo desse povo que depende do gado para prover as necessidades vitais.

*levar em consideração o uso, ele é, em si mesmo, uma finalidade cultural, e sua mera posse e proximidade dão ao homem tudo o que ele deseja. No gado concentram-se seus interesses imediatos e suas ambições maiores. Mais do que qualquer outra coisa, o gado determina as ações diárias do homem e domina sua atenção. (Evans-Pritchard, 1978, p. 50)*

Evans-Pritchard (1978) ressalta que os termos e as maneiras como os Nuer se referem ao gado estão além de uma técnica lingüística elaborada e rica, que permite descrever o animal com precisão em situações práticas e nos contextos sociais. Para o antropólogo, o idioma social dos Nuer é um idioma bovino, ou seja, além de fornecer categorias rituais e enriquecer a linguagem poética, estabelece associações com os animais selvagens.

### ***Como num epigrama***

A convivência diária dos sertanejos com os bois revela que tantos os homens como os animais são formados de um só couro, como num epigrama. A relação de cumplicidade que se estabelece através do trabalho

permite conhecer o animal tal como ele é. Os vaqueiros exercitam a arte de aprender quando observam e decifram as atitudes, o temperamento e os aboios do gado. Esse aprendizado inclui também a descrição das cores, chifres e rastros. A evocação de nomes significa mais do que uma classificação genérica: representa a identidade de cada vaca, boi, cavalo, o que comprova a singularidade de cada animal.

A descrição dos animais demonstra que eles se irritam, sentem coragem, ódio, fazem careta, escutam conversas, falam, criam amor, se coçam, cansam e adoecem. Esses comportamentos sugerem que os bovinos são seres vivos, reconhecidos como sujeitos animados e humanos metonímicos. A vitalidade se manifesta em várias situações como na capacidade de alterar o comportamento - selvagens como num estouro de boiada e domesticáveis como bois de carro. O dinamismo confere um status de sujeito vivo em contínuo processo de mudança. O caráter metafórico dos nomes sugere que a diferença entre "nós" e "eles" é muito tênue - os seres

humanos têm a capacidade de interpretar a percepção que dá sentido ao mundo e, mais, sabem que todos são formados de um só couro.

### **Notas para uma educação ambiental**

As anotações de Guimarães Rosa, além de constituírem um farto material de pesquisa, contribuem significativamente para uma reflexão em educação ambiental que ultrapassa uma abordagem naturalista.

Os registros de **Boiada** retratam uma natureza viva, singular, em transformação permanente, identificável através de um conjunto de cores, luzes, sons. A percepção ambiental é o instrumento básico que possibilita o sentir e o apreender o mundo natural. O exercício do olhar, ouvir, cheirar, provar e apalpar exercita o corpo que aprende na convivência. Guimarães Rosa sugere que os sentidos dão sentimento ao mundo. Ao registrar a cultura popular dos vaqueiros, revela o seu papel fundamental - fazer a mediação entre os homens e o mundo natural.

A relação dos vaqueiros com os bois foge dos estereótipos e caricaturas dos animais dominantes em materiais didáticos. Os bois são considerados humanos metonímicos e, como sujeitos, interagem e aprendem. Desta forma, a concepção antropocêntrica da natureza é substituída por uma concepção holística, em que os valores de respeito, solidariedade e convivência se sobressaem.

A convivência possibilita um aprendizado e uma construção de uma rede de significados que se traduzem em interpretações da natureza no tempo e no espaço. As classificações populares da fauna são ilustrativas de um processo cognitivo e simbólico que simultaneamente revela como os vaqueiros vão aprendendo e sistematizando o conhecimento sobre o mundo natural. Desta forma, um mapeamento constante das relações dos grupos sociais com o ambiente é fundamental para que a educação ambiental não acabe *dando com os burros n'água*.

**Referências bibliográficas**

- ANDRADE, Carlos Drummond. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.
- EVANS-PRITCHARD, E.E. *Os Nuer - uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GUIMARÃES ROSA, João. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Conversa de bois*. In: *Sagarana*. 37.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- \_\_\_\_\_. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papyrus, 1989.